

Transportar obstáculos e fazer o realizável

22/5/87

45"

— defende Presidente Joaquim Chissano

— Apesar dos obstáculos, a experiência do nosso relacionamento já nos mostra que mais e melhor pode ser feito. Há campos em que estamos muito longe de ter esgotado o possível, o realizável. Há que começar a fixar metas mínimas dimensionadas com objectividade, há que mobilizar a vontade para as cumprir — disse ontem, em Maputo, o Presidente Joaquim Chissano, discursando na abertura da 7.ª Cimeira dos Chefes de Estado dos «Cinco».

O Chefe do Estado moçambicano fez uma breve retrospectiva da cooperação entre este grupo de países, recordando que «os princípios e a prática da nossa cooperação íntima são tão antigas como a nossa luta pela libertação nacional», período durante o qual «juntos vivemos cada etapa da luta dos nossos povos, compartilhamos derrotas, vitórias, momentos de tristeza e alegria, angústias e esperanças».

Considerando a cooperação desenvolvida entre Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe e Moçambique como um modo de defender os interesses recíprocos de uma mesma família, o Presidente Joaquim Chissano propôs uma reflexão colectiva sobre um mecanismo para garantir a continuidade na execução das acções aprovadas e sua dinamização.

A este respeito indicou que, à medida que a cooperação entre os «Cinco» se avoluma, impõem-se um aperfeiçoamento do mecanismo da coordenação destas actividades.

O Presidente Joaquim Chissano considerou que nos campos de transportes, comércio, educação e comunicação social foram dados passos seguros e está-se a atingir um ritmo satisfatório.

No entanto, considerou a guerra e as calamidades naturais, assim como as dificuldades económicas e financeiras que atingem o conjunto dos cinco

países como o obstáculo essencial e relevante para a materialização dos planos fixados em matéria de cooperação.

Fazendo apelo para a maximização do potencial existente em termos de cooperação entre os «Cinco», o Chefe do Estado moçambicano disse ser indiscutivelmente verdade que apesar das dificuldades financeiras todos fazem algumas importações que não são a crédito, de bens de consumo e outros, que poderiam ser adquiridos nos mercados dos «Cinco».

Sobre o panorama internacional, Joaquim Chissano disse que os cinco estados têm princípios e práticas comuns no seio da comunidade internacional.

— Temos encorajado todos os esforços conducentes à diminuição das tensões mundiais, ao desarmamento nuclear, à necessidade de extinção dos sistemas de destruição massiva — disse.

Por outro lado, recordou a extrema vulnerabilidade dos «Cinco» face às calamidades naturais, uma vez fazendo parte de países ainda subdesenvolvidos. Indicou que a desertificação a seca e as inundações são cada vez mais graves no Continente Africano e a situação manifesta-se de uma forma aguda na África Austral.

Considerou positiva a resposta da comunidade internacional aos apelos de auxílio de emergência, mas considerou tal acção insuficiente. A este respeito, Joaquim Chissano defendeu a recuperação e organização económica, no quadro do Programa de Reabilitação de África apresentado à ONU pela OUA.

Por outro lado, o Chefe do Estado moçambicano saudou a persistente disponibilidade da Frente POLISARIO em entabular negociações com o Reino de Marrocos.

O Presidente Joaquim Chissano sublinhou o apoio dos «Cinco» à luta do Povo de Timor-Leste sob a direc-

ção da FRETILIN, considerando que «esta é uma questão que não pode deixar de exigir a nossa atenção e solidariedade fraternal».

Sobre a situação na África Austral, condenou a política belicista de Pretória na África Austral, o colonialismo sul-africano na Namíbia e a política fascista deste regime no interior da África do Sul.

Denunciou, de igual modo, as recentes eleições segregadas só para brancos, realizadas pelo regime sul-africano.

— «Tendo-se consolidado em termos de parlamento para brancos as tendências belicistas, tudo leva a esperar um maior aventureirismo na escalada de Pretória — advertiu o Chefe do Estado moçambicano.

Neste sentido, o Presidente Chissano disse ser imperativo uma acção consequente da Comunidade Internacional para travar a ameaça de guerra generalizada no subcontinente e pôr termo à política de desestabilização».

Por outro lado, considerou indispensável a solidariedade activa com a SWAPO para tornar eficiente a acção a favor da descolonização da Namíbia, neutralizando as manobras sul-africanas nesse processo.

O Presidente Joaquim Chissano exortou também a Comunidade Internacional a reforçar a capacidade defensiva dos países da Linha da Frente e a apoiar o desenvolvimento económico da África Austral.



Ao princípio da noite, os cinco Chefes de Estado deslocaram-se à Escola de Artes Visuais, onde estava patente uma mostra de arte moçambicana. Nesta, estavam expostas obras dos mais importantes e reconhecidos artistas da República Popular de Moçambique, entre eles Malangatana e Manqueu